

# MICROSCÓPIO

RAUL PILA

Está a França com novo gabinete. Conseguiu organizá-lo o sr. Henri Queille, e com um apóio parlamentar, ao parecer, mais sólido que o dos seus antecessores.

Aí temos a insuperável utilidade das crises ministeriais, que a tanta gente assustam. É o próprio fato de se sucederem alguns gabinetes, sem que nenhum logre estabilizar-se, o que leva as forças políticas a maior compreensão e transigência. O que nem Robert Schumann, nem André Mares conseguiram, parece havê-lo logrado Henri Queille, não tanto por si mesmo, por seu valor pessoal e político, como pela circunstância de haver sucedido a colegas, que haviam falhado. É a própria noção do perigo a que se acha exposta a democracia, cada vez mais apertada entre a extrema direita "gaullista" e a extrema esquerda comunista, o que está levando a melhor entendimento os partidos intermédios. Tal resultado, porém, dificilmente se conseguiria, sem estas sucessivas tentativas, sem estas experiências aparentemente frustradas, cada uma das quais predispõe melhor as coisas para a experiência seguinte. Isso é, essencialmente, a democracia — persuasão e transigência; o contrário disto chama-se ditadura.

Conseguirá o gabinete Henri Queille realizar a sua árdua tarefa? Depende de muitos fatores, mas, sobretudo, do espírito de sacrificio do povo francês, que longe parece estar da taciturna dignidade com que os ingleses de todas as classes estão suportando privações, a fim de reerguer a devastada economia do seu país admirável.

E se este gabinete também não lograr manter-se? Aí, parece que outro recurso não haverá, senão o da consulta à nação, mediante a dissolução do parlamento. E isto também é pura democracia: se os seus representantes se mostram incapazes de resolver a situação, cabe ao povo resolvê-la. Bem ou mal, pouco importa, desde que segundo a sua vontade soberana.